

ANO I
NUM. 4
PREÇO 2,00

SUL

CAPA:
Trabalho de
José Silveira
D'Avila

Revista do Círculo de Arte Moderna



Eu Quisera Saber o Canto das Horas Perdidas

A N T O N I O P A L A D I N O

*Eu quisera cantar o canto das horas perdidas,
E despertar, neste canto, o éco mudo das vozes apagadas
Que o tempo emudeceu.*

*Eu quisera viver, novamente, os momentos perdidos,
Das horas perdidas.
E sentir a alegria, o amor, a tristeza,
Como sentira antes,
A alegria, o amor, a tristeza,
Dos momentos perdidos nas horas perdidas.*

*E eu quisera sentir este canto além,
Dominando o tempo, vencendo o espaço,
E ouvi-lo vibrar em acordes violentos
Numa orquestração bárbara,
De bárbaras melodias,
A canção cinzenta de todas as coisas desconhecidas, das horas perdidas.*

*E eu quisera mais, muito mais ainda...
Que este canto ultrapassasse os limites de tudo e do nada
E estupendo, maravilhoso,
Ressuscitasse nos momentos perdidos das horas perdidas,
As imagens invioladas, misteriosas,
Que ficam além, muito além,
Dos momentos perdidos das horas perdidas...*

DIRETOR

ANIBAL NUNES PIRES

SUL

REDAÇÃO
CONSELHEIRO MAFRA, 147
CAIXA POSTAL, 384

REVISTA DO CIRCULO DE ARTE MODERNA

Ano I

Florianópolis, junho de 1948

Número 4

"Sul" é uma criança ainda. E, como tal, tem sido atacada pelas doenças próprias da idade. A alimentação insuficiente, as hostilidades dos clima, a falta de carinho e os maus olhos agravam-lhe a saúde e fadam-lhe a morte prematura. Além de tudo, "Sul" parece ter nascido fora de tempo e em ambiente inadequado. Morre a cada momento que passa mas, talvez seja por isso mesmo que ela vive pois "a vida é uma sequência de mortes e ressurreições".

É a lei das compensações.

Deus dá mais intensidade de vida às crianças desprotegidas, às crianças que sofrem sem poder chorar porque desconhecem o incentivo do alheio e as lágrimas não mais lhe amenizam o pranto.

É possível que "Sul" morra sem alcançar a juventude, porem antes que isso aconteça é preciso que os jovens de Santa Catarina saibam que o movimento cultural e literário dos "Novos", dos "Novíssimos", em todas as províncias (Estados) é um fato real, realíssimo, incontestavel e recomendamos seguir de mais perto esse dinamismo moço, sincero e despido de cabotinismo.

Procurem conversar com o "Joaquim" em Curitiba; no Ceará visitem o "Clá"; em Goiás, leiam "Agora"; vejam o "Panorama" de Belo Horizonte; "Orfeu" e "Juventude" do Rio de Janeiro; olhem para o "Nordeste" e "Região" de Pernambuco; visitem "Quixote" no Rio Grande do Sul; em São Paulo, "Paralelos" e a "A Revista de Poesia". Procurem sintonizar tantas e tantas idéias novas que nascem aqui e ali.

Não cremos que os moços de Santa Catarina sejam insensíveis às mensagens novas que veem de todos os recantos

do Brasil. "anunciando a presença da madrugada no corpo da mocidade brasileira". (Bueno de Rivera).

E já que falamos de Bueno de Rivera transcrevemos, por ser oportuno, um trecho do Manifesto dos Novíssimos, publicado no n.º 18 de "Joaquim" e nascido no 1.º Congresso Paulista de Poesia :

..... "Estamos na encruzilhada dos nossos destinos poéticos. Sentimos no nosso corpo a presença da madrugada". "Só aceitamos do passado o que julgamos realmente conquista e não andaremos por caminhos batidos. Nossa bandeira é a palavra e a comunhão. Desdobramo-la hoje neste Congresso, contra todos, apenas a favor dos nossos destinos de "pesquisadores primários da palavra e do drama" e cantores livres do mundo. Rejeitamos os "clichés", as receitas e os anúncios luminosos. Aceitamos não o passado, mas o que há de fecundo em suas colocações".

"Não aceitamos a sistemática, apenas o progresso no caminho da expressão mais típica, de uma sintaxe mais rica e de maior força de comunhão. Simplesmente iniciamos. Portanto não temos caminhos definidos. Advinhamos porem, vigorosamente, outras passagens, livres de qualquer sentido de grupo, escola ou movimento. E em face do que se batizou em 22 e 45 proclamamos no verso de José Regio UM NOVO ESTADO DE ESPIRITO":

"Não sei por onde vou,
Não sei para onde vou,
Sei que não vou por aí".

Nota : A composição abaixo nada tem a ver com o artigo.

A N I B A L N U N E S P I R E S



SUL

Enterro — Composição de Moacir Fernandes.

O Teatro na Grã-Bretanha

J. C. TREWIN

"Copyright" do B.N.S., especial para a revista "Sul"

Londres, maio — Os dramaturgos ingleses da atualidade, dos quais muito se pode esperar, escreveram novas peças. Esses trabalhos possuem cunho acentuadamente dramáticos. "Cockpit, de Bridget Boland, apresentada no Playhouse Theatre, oferece um retrato da Europa imediatamente após a guerra. E a de Christofer Fry, "The Lady's Not For Burning" — um título tipicamente fraco — apresentada no recinto tecnicamente privado do "Arte Theatre Club", com sua larga comparsaria, é uma comédia em verso, sobre assuntos e motivos do século XV. Ambas possuem planos originais e argumentos singulares, mostrando que os seus autores podem reivindicar um lugar destacado no drama moderno. A obra de Bridget Boland tem por cenário os primeiros dias de maio de 1945, num teatro alemão de província, usado como ponto de reunião para deslocados. A autora utiliza tanto o auditório como palco e tira um efeito contínuo e renovado das falas e diálogos que se travam, com rara movimentação e vivacidade. Embora Miss Boland gaste um quarto de hora ou mais para estabelecer a ilusão, ela o consegue de maneira tão profunda e convincente que um verdadeiro choque se opera entre expectadores quando as luzes se acendem, para o intervalo. Durante a ação, o teatro se converte numa assembléia colorida de representantes raciais da Europa, com suas sub-divisões. Há membros da Resistência francesa e há também colaboracionistas da mesma nacionalidade; judeus e poloneses, tchecos, iugoslavos, russos, e — visão terrível — um tcheco oriundo da eliminada aldeia de Lidice. É uma multidão tumultuosa, à qual se juntam combatentes de todas as armas, que lutam entre si, em debates intermináveis, a despeito dos esforços de um jovem oficial inglês e seu sargento, no sentido de levar alguma ordem e um mínimo de bom senso à curiosa assembléia. Vez por outra há a ameaça de um inimigo comum, e então toda aquela gente entra em acôrdo por momentos. Esse inimigo é representado por perigos, tais como a fome, as doenças, as más condições de vida herdadas da guerra. Há hiatos calmos, como no caso da participação de uma cantora de ópera, que canta trechos da "Traviata". Mas, logo depois, o drama começa. O realismo predomina na obra curiosa de Miss Bridget Boland. Já o trabalho de Christofer Frys é muito diferente. Trata-se de uma comédia em versos que aborda um tema medieval, numa linguagem de delicada tessitura, mas perfeitamente compreensível no nosso tempo. Nessa obra também existe uma poderosa originalidade e as qualidades dramáticas se acham exploradas com rara habilidade e grande talento. Outras peças novas foram

Vendo o Teatro Moço

G. B.

Realizou-se há poucos dias o segundo espetáculo do "teatro de câmera", organizado por um grupo de moços desta capital. Três pequenas peças, agudas e rápidas, se encenaram: uma de Pirandelo, outra de Shaw e outra de Sartre.

Estou certo de que os promotores desses espetáculos não estão, com isso, hostilizando o que talvez se pudesse chamar "velho" ou "fóssil" em matéria de arte dramática entre nós. Agindo numa época de crise trepidante, naturalmente se sentem impedidos a consolidar a sua mentalidade por moldes atuais, atualíssimos. São assim, não porque razoavelmente o queiram. Obedecem, antes, na certa, à fatalidade psicológica dos novos tempos, — tempos, como ficou dito, de crise tumultuária e assoberbante, como são todas as crises de transição.

Há no meio desses moços algumas inteligências formosas e alguns talentos de incontestável vibratibilidade. Descambam aquelas e estes, por vezes, em contradições e absurdos de doutrina filosófica ou conceito estético. Mas, porque são sinceros, não chegam nunca a ser ridículos.

O recente espetáculo a que assistimos no "Alvaro de Carvalho" encheu-me de real simpatia pelas iniciativas cênicas dessa esperançosa mocidade. Certo, nem todos os amadores que nele tomaram parte possuem os elementares dotes exigíveis na arte da ribalta.

A senhorita Eglê Malheiros mostrou o desembaraço próprio de uma magnífica e jovial atrizinha de alta comédia. Parece ter encontrado por aí o caminho justo do seu temperamento.

Por sua vez, a senhorita Gevaerd surpreendeu gratamente a platéia, e é bem possível que dos papéis dramáticos a sua inteligência continue a tirar os melhores efeitos.

O curto papel atribuído à senhorita Laila Freyesleben foi bastante para pôr em relevo a linha discreta do seu talento, que me pareceu talhado para as atuações entre a gama dramática e a trágica, onde se requer uma concentração profunda de sentimento.

(Conclue na página 12)

estreadas recentemente nos teatros do "West End" londrino. Entre elas, destacam-se "I Remember Mama", uma adaptação de John van Druten de algumas historietas norte-americanas de Katryn Forbes. Representa-se aí uma revista, intitulada "Four, Five, Six", sucessora da "One, Two, Three", onde há muito bom gosto e arranjos interessantíssimos. Devem ser mencionadas, também, "Castle Anna", de Elizabeth Bowen, de estrutura talvez discutível, mas capaz de despertar o maior interesse.

SUL

REVISTA DO CÍRCULO DE ARTE MODERNA

Redação :

Conselheiro Mafra, 147
Caixa Postal, 384
Florianópolis, S. C.

*

Diretor :

Aníbal Nunes Pires

*

Gerentes :

Salim Miguel
Hamilton V. Ferreira

*

Redatores :

Fúlvio Vieira
Eglê Malheiros
Antônio Paladino
Layla Freyesleben
Armando S. Carreirão

*

Publicidade :

Aldo Sagaz

*

Colaboradores :

José Tito Silva
Cláudio B. Vieira
Lídio Martinho Callado

*

Ilustradores :

Alfredo Meyer
Walter Wendhausen
Luiz H. Baptista

Os originais, mesmo não aceitos, ficam na redação.

Todos os artigos são assinados e decorrem, as responsabilidades, de seus autores.

Assinatura por doze números : Cr\$ 24,00

Preço por exemplar : Cr\$ 2,00

Mensagem Poética dos Estados

Rio Grande do Norte

Pernambuco

VAGABUNDAGEM

Evocação da cidade de Natal

José Bezerra Gomes

MOACIR SOUTO MAIOR

Cidade do já teve, de boêmios seresteiros,
que não alcancei...
Lourival Açucena (Lorênio),
o poeta Ferreira Itajubá,
regressando, de-manhã, cedinho,
das últimas noitadas,
chelas de serenatas,
lapinhas e pastoris,
vestido de fraque, segundo dizem,
com uma enfieira de caranguejo
dependurada no dedo da mão,
ali da antiga feira da Tatajubeira...

Onde estão os teus vendedores de vendagens ?

- rolete de cana...
- tapioca de coco...
- cuscuzeiro de milho...
- bolo pé de moleque...

E os teus turcos prestamistas ?
que se foram das Rocas e do Alecrim,
com os seus baús de miudeza,
para a Rua das Lojas
da Ribeira, Cidade Alta...

Cadê o teu Porto do Padre ?
de-frente ao Paço da Pátria,
com os teus canoieiros,
com os teus boteiros,
com as tuas negras louceiras,
lá de Barreiros...

- urinóis...
- chúcaras...
- mealheiros...

tudo, era feito de barro...

Em todas as bodegas,
para todos os paladares,
bastavam dois vintens de meladinha,
com parede de camarão...

Nos domingos, dias santos,
apanhava-se cajú, madurinho,
no tempo das matas ensombradas
das Quintas e do Goitizeiro,
com muita fartura de

- cajá...
- mangaba...
- pitomba...

Do Canto do Mangue,
das salsas águas do Potengi amado,
abriam velas os teus jangadeiros,
para, lá fora da costa, em alto mar,
ferrarem os peixes de linha:

- xaréu...
- cioba...
- cavala...

E os teus becos, Natal, tão teus ?

— O Beco da Tatajuba,
ali pertinho do velho Cais da Praticagem,
ali pertinho do velho Cais Tavares de Lyra
(com um ípsilon)
lembrando velhos embarcadouros,
um dia ancorados no teu porto...
— o Beco do Engole, de nome tão gosado,
sem falar no Beco da Lama, o maior do mundo,
tão grande que parece mais uma rua...

Natal, cidade do já teve,
te-queremos assim mesma,
com um palácio, que já foi presidencial,
onde passou a funcionar o Wonder Bar,
em plera Rua do Comércio...

Natal, te-queremos com todos os teus recantos :
a Areia Preta, o Areial, a Limpa,
com a Fortaleza dos Três Reis Magos...
Lagoa Seca,
a Bica da Telha, a Baixa da Coruja...
O Carrasco,
o Cemitério Novo,
transformado, até bem pouco tempo,
num grande campo de futebol...

À noite, alta madrugada, levanto-me e sigo em busca de peripetivas

[Líricas]

passo imperceptível pelas praças desertas
que momentos antes fôra teatro de amores
entre soldados e empregadas ;
vejo as estrelas nascendo na noite
sinto a Poesia que enche o firmamento.

De madrugada quase todos os dias me levanto
em procura de minhas intermináveis aventuras boêmias
vejo a lua como fonte refletora de um suave lirismo
e sigo em busca da Bem Amada que eu deixei
há alguns instantes numa praçazinha deserta
de canteiros geométricos e plantas nativas.

Nessas noites de boémia incorrigível
dijto-me constantemente para as fronteiras do pecado.

5-4-46.

Rio Grande do Sul Minha Nossa Senhora do Desterro

BEATRIZ BANDEIRA

Minha Nossa Senhora do Desterro !
Ilha encantada ! Que desolação !

De um lado o mar misterioso e verde
e os morros do outro lado, também verdes,
e entre os morros e o mar, os pescadores...
Tanta miséria num país tão rico !
Os pequeninos de cabeças grandes
ventres crescidos e de pés descalços.
E a terra negra que nem foi plantada !
E o peixe farto que nem foi vendido !

Os casebres de palha pendurados
no alto dos morros agressivos.
E lá no alto... bem no alto, a cruz,
braços abertos como quem perdôa
ou como quem repele...

Meus pequenos alunos veem descendo...
Os pés molhados, as roupinhas sujas...
Uma chuva constante alaga tudo.
Meus pequenos alunos veem descendo,
descendo o morro para vir cantar...

Entre o bramir das ondas sobre a areia,
o ruído da chuva nas calçadas
e o gransnar lúgubre dos corvos,
o chicote do vento estala e vibra,
corta, açoita, maltrata, espanca e fêre
a galharia verde, o mar, o casarão
e os corpos semi-nús das criancinhas pobres...

Minha Nossa Senhora do Desterro,
Ilha encantada ! Que desolação !
Lá bem no alto, a cruz, indiferente...
braços abertos como quem perdôa
ou como quem repele...

DR. WILMAR DIAS

ADVOGADO

R. VIDAL RAMOS, 73

FLORIANÓPOLIS

SANTA CATARINA

Conto de T. C. Jamundá

Fui com ele tocando a carroça que voava em cima do cascalho da estrada. Quando dei pelo lugar onde estávamos, iam chegando.

Voltou como se acordasse de longo sono, notei que não sabia onde estava. Remirou tudo como quem ia arrumando as idéas. Talvez pelo cheiro das drogas do curativo, o silêncio e a brancura do quarto, concluiu que estava no hospital.

— O hospital do dr. Nietzsche? Perguntou.

— Era o mais perto. Respondi.

— Ele... Ele é como se diz, dos que beberam pelo triunfo do navio-escola "Echleswig-Holstein"?...

— Minha ignorância obrigou que lhe dissesse que esquecesse dos factos da guerra. Olhou com dolorosa censura e disse:

— Nunca, um polonês não esquece que "Westerplatte" foi destruída... E eles beberam a destruição de "Westerplatte"...

— Mas, dr. Nietzsche, remediei, não é um fanático. Além de tudo é médico, mesmo que seja alemão.

— Todo alemão... — Ia dizer mais quando a enfermeira entrou e recomendou que não gastasse energias.

Olhou-me como quem pedia socorro, algo nos seus olhos era um pedido de protecção. Não demorou sem falar, como se tivesse atacado pela idéa de desfôrta, remexeu-se provando suas próprias condições físicas. Gemeu e quiz segurar o ventre que estava, inteiramente, ligado por ataduras. Rosnou uma praga em polaco. — Não compreendi, porem, recomendei que seguisse o conselho da enfermeira.

— Estou amarrado de alfinetes. Respondeu em tom de duvidosa pergunta.

— Não, é impressão. Dissé-lhe que era um homem robusto que, ficaria bom.

— Sim, porem os porcos. — Falava rancoroso e denotava que sentia dores deshumanas.

— Quer a enfermeira? — Indaguei.

— É sómente um gôsto adocicado na garganta... Ia detalhar mas uma golfada rubra impediu.

A enfermeira entrou solícita, repreendeu que estivesse fazendo esforços. Era preciso ficar quieto e muito quieto. A voz harmoniosa da enfermeira foi bálsamo. A calma encheu-lhe os olhos e os músculos da face relaxaram-se aparentando tranquilidade. Ela fastou as cortinas e abriu a janela. A paisagem ficou emoldurada pelas cortinas. Era

o único quadro. Ele ficou a olhar para fóra, embevecido. Tudo quanto via, era uma goiabeira frondosa carregada de frutos, pregada na grama do pasto, como um desenho de criança.

O início do outono tinha pintado o céu de azul próprio para doente olhar.

— É o mesmo céu da capela de São Estefano, não é? Perguntou-me. — Assenti e comecei a temer pelo desenlace.

— A lembrança do céu da capela de São Estefano, era lembrança remota, vinha da sua meninice na Hungria. Era facto que contava a todos de sua intimidade. Falava dos tempos de menino, como um poeta fala da noiva morta, e nunca ficava longe da capela de São Estefano.

*
* *

A enfermeira, por favor... Pediu agonizado. — Toquei a campainha. O médico Nietzsche, veio com a irmã enfermeira. Fiquei inquieto também, a mão gorda e branca do dr. Nietzsche segurando uma seringa do tamanho das de uso veterinário, fez-me pensar absurdos. Vi o líquido desaparecer no braço pendido. Dentro da cabeça o diálogo da dúvida e da confiança:

— Para que seria... — Para vida ou... — A enfermeira era testemunha de inexplicável doçura, ela compreendia a finalidade silenciosa dos líquidos comparsas do dr. Nietzsche. Certo e claramente ela sabia o fim.

O dr. Nietzsche ficou de seringa em punho, contemplativo lendo o mistério das drogas, esperava qualquer coisa.

— Sempre pensei quando via médico olhando seu doente, que esperava uma notícia, um sinal verde ou vermelho: trânsito livre ou trânsito interrompido. Sinalização da vida ou da morte. — Qual seria o que dr. Nietzsche, esperava?... — Sondei os olhos indecifráveis da enfermeira e eles falavam de piedade.

— É grave doutor? Perguntei.

— Ele franziu a testa larga e olhou de soslaio a enfermeira, como quem dizia, o que vamos responder? — E os dois responderam a um tempo só:

— Tudo depende dele ficar quieto. O fim, concluiu, o dr. Nietzsche, é sempre interrogação.

— Homem com tanta saúde. Pensei com meus botões. Quando o médico e a enfermeira saíram, ele disse-me:

— Ficarei quieto se o gôsto adocicado não voltar. — Para não ficar calado, ponderei: é coisa passageira, creia em Deus, e ficará bomzinho da silva.

Não respondeu, estava preso na paisagem singela como quem nunca tinha visto um pasto.

— Nunca reparei como é bonita a grama da ladeira. Falava com sentimentalismo desconhecido. — Quero ver as raízes da árvore. Disse e tentou sentar-se, querendo lograr às ataduras, fez um movimento brusco, porem gemeu e abandonou-se respirando excitado. Notei que empalidecia repentinamente. Antes que a enfermeira entrasse uma golfada rubra manchou a cama, outra, outra, outra e muitas...

— É preciso ficar quieto, quieto, muito quieto. A irmã-enfermeira repetia, assim como quem dizia: não ha outro jeito. Fitei bem nas expressões do seu rosto, ela falava pelos olhos que estava deante do imponderavel.

— Ele ficará bom irmã? — Indaguei.

Ela mostrou-me o crucifixo e concluiu: é de quem tudo depende. Saiu quando ele ficou sossegado e semi-adormecido.

Emfim já a frieza do dr. Nietzsche e a silenciosa expressão da irmã Théa, já me torturavam. Sai com ela e perguntei-lhe exprimindo minha dúvida:

— Irmã ele vai morrer... Ele é polaco porem, merece um esforço irmã...

— Senhor!!! — Ela exclamou surpreendida. E magoada disse: não diferencio doentes pela nacionalidade. Seu olhar doloroso deixou-me esmagado e arrependido.

(Conclue na página 14)

Comp. Ind. Fett Ltda.

INDUSTRIAS E EXPORTADORES

PINHO

Bruto — Beneficiado — Caixaria

Escritório: Rua 24 de Maio, 246 — Caixa Postal, 16

FLORIANÓPOLIS

José Geraldo Vieira e o desprestígio do personagem

SALIM MIGUEL

Nos romances do Sr. José Geraldo Vieira, o que logo salta aos olhos é a desvalorização quase total do personagem. O que não implica de forma alguma no abandono dos personagens, porquanto o autor utiliza-se deles à larga, na construção de suas histórias. Parece-nos que a falta é a excessiva vitalidade, personalidade do autor, que desvitaliza, despersonaliza as suas criações. Não tem, em todos os seus livros, o Sr. José Geraldo Vieira, um personagem marcante e que fique por si mesmo. Não tem, para só nos referirmos à literatura brasileira, uma Capitú ou um Braz Cubas, um Isaias Caminhã ou um Sargento de Milícias, que vivam fora do autor, ainda mesmo sem o autor. Não! As personagens do Sr. José Geraldo Vieira estão nos gritando a todo instante que são José Geraldo Vieira. Individualismo demasidado, impossibilidade de se pôr no lugar dos outros, de agir como um outro agiria, de não pensar sempre como êle mesmo pensa, de dar vida própria às suas criações.

No romance puro a história, os personagens, se conduzem por si mesmos, sem interferência do autor. Podem agir da maneira que melhor lhes aprouver, podem errar, acertar, o autor não está se preocupando, poderíamos mesmo dizer que êle se desumaniza, se abstrae, esconde sua personalidade sem prejuízo dela. É um deus que atira os homens ao mundo e os abandona, e os deixa viver suas vidas. Êles têm liberdade de ação, de movimento, de pensar. Êles são senhores de seus destinos, ainda que presos é inegavel ao modo de ver do autor, e não marionetes. Um bom exemplo dêsse gênero é "Os Thibault", de Roger Martin du Gard, verdadeira obra prima.

Não assim na obra do Sr. José Geraldo Vieira. A forte personalidade individualista em extremo, do Autor, e que êle não consegue abstrair, está presente, impregna toda a obra, sempre sobrepujando os personagens, sempre lhes lembrando que êles são êle. É um deus interferindo diretamente no mundo que criou. E os personagens não têm possibilidade de viver por si, de, quase diríamos, se humanizarem. Quando querem surgir, quando pensamos que êles virão à tona, eis que voltam, eis que o autor surge entre êles para se impor. E os esmaga.

São personagens frustrados, nunca chegarão a se realizar, o autor, impiedosamente, a isto se opõe, não lhes dá uma oportunidade de ação própria, interferindo sempre. É tal qual professor ranzinza de dedo em riste e palmatória à vista, recomendando aos alunos a maneira de agir, de se comportar. Melhor: agindo, se comportando por êles, pensando por êles.

Pena, porque o Sr. José Geraldo Vieira, possui inegáveis qualidades novelísticas, talento, cultura, que aparecem de sobra em seus romances. Sua temática também não é má.

Sabe escolher e conduzir os assuntos de suas histórias. Possui estilo próprio. E poderia fazer uma obra das mais importantes e duradouras da literatura brasileira.

O Sr. José Geraldo Vieira não se preocupa em dar veracidade aos seus personagens, em desligá-los de si, em fazê-los como outras pessoas e não sempre como José Geraldo Vieira. E tudo isto num virtuosismo extremo, numa técnica consumada, de mestre.

É o mesmo caso de Charles Morgan, que em todos os seus livros, todos os personagens são Charles Morgan. O que no fim cansa.

É assim que o Sr. José Geraldo Vieira cria o drama do autor e do personagem. O entrechoque. Não se sabe em seus livros, o que observar. Se o eterno servilismo, a incapacidade de fuga dos personagens; se a eterna vontade do autor de "aparecer". Quando um personagem como o velho de "A Túnica e os Dados" tenta escapar-se à vigilância do autor e fugir, se personalizar, o autor o afoga numa enxurrada de palavras, de conceitos, de frases bem jogadas. Ainda mais uma vez é o desejo de se mostrar em tudo que escreve, que faz o autor agir assim. Outra constante dos livros dêsse autor é o misticismo. O Sr. José Geraldo Vieira é um místico, preocupado com questões transcendentais, com metafísicas. Quer também conciliar seu misticismo com um socialismo todo seu, todo próprio.

Desde seu primeiro livro que se vem notando — e acentuando — a tendência de dominação do autor sobre os personagens. Quem se der ao trabalho de lhe refofear a obra, pela ordem, verá a verdade do que afirmamos.

Não falaremos, neste comentário, do sentido social que esperávamos encontrar na obra do autor. Nosso propósito é outro; é mostrar a desvalorização dos tipos humanos, através dos personagens, nessa mesma obra.

Poderíamos nos valer aqui do Sr. Wilson Martins, quando fala do "sonho-delírio" de Jaiminho. Jaiminho não poderia agir, pensar da maneira como pensou. Nem em sonho. Pois que o sonho nada mais é do que o inconsciente vindo à tona para dar vazão ao que, acordados, não nos foi possível realizar. Mas é preciso que tenhamos êsse algo para descarregar. E donde iria buscá-lo Jaiminho? Do nada não é possível tirar alguma coisa. Não é possível uma criança sonhar, pensar com tal perfeição, com tal luxo de detalhes, tantos termos técnicos, em tantas línguas diversas, tantas coisas que logicamente, pela própria situação em que vivia e que o autor tão bem explica, pelo meio, pelo ambiente, não lhe estavam ao alcance. E isto, entenda-se, se Jaiminho fôsse uma criança extra-normal, ainda seria difícil, mesmo em condições especialíssimas, de se realizar. Por isto, apesar de artisticamente, literariamente bem construído, quase perfeito.

JOVENS AUTORES

Uma atraente fórmula cooperativa permitir-vos-á publicar em França as vossas obras (peças de teatro, romances, etc...). Escrever para informações a:

EDITIONS LUTETIA

Rue St. Lazare, 9 — France

CLÍNICA DE CRIANÇAS

— DO —

DR. M. S. CAVALCANTI

Residência :

Consultório :

Rua Presidente Coutinho, 23

Rua Saldanha Marinho, 16

Fone M. 732

Das 3 às 5 horas

FLORIANÓPOLIS

ão convence. Pois que não é Jaiminho que pensa e sonha : e o Sr. José Geraldo Vieira.

Isto porém não se dá somente com Jaiminho. Já se notara, ainda que em menor escala, no Albaninho de "A Quadragésima Porta". Albaninho não teve uma formação moral comum, o autor deixa entrever. Está bem. A vida fantástica do pai, as leves referências ao mesmo em tom de segredo, a educação que a mãe lhe dá, tôda dela, sem método, sem ordem, a predispunham para o tom irreal, quase falso, que adquire. Mas isto tudo, não impede que o consideremos "irreal" do ponto de vista de fidelidade do personagem como tipo humano. Suas reações infantis são por demais adultas. (É bom notar aqui, para melhor esclarecimento do nosso ponto de vista, que consideramos primordialmente, dois tipos de romance, dentro desses podendo englobar todos ou fazer múltiplas subdivisões : o real, o que se baseia em fatos acontecidos ou que poderiam ter acontecido, sem prejuízo da inspiração do autor, e o irreal ou fantástico, cuja história pretende contar um caso anormal, no terreno da fantasia, do sonho. Em síntese : o real é o cotidiano; o irreal o não cotidiano; nenhum dos dois impedindo porém a verossimilhança do personagem, que não implica em realidade ou irrealdade da história).

Albaninho é inverossímil, é irreal como personagem, porque não tem um seguimento coerente, não é psicologicamente bem trabalhado, tem falhas, que não dependem dele, mas do autor, que não agiu sempre dentro dele, mas se afastou e se pôe em si mesmo. Eis a maior falta : Albaninho não é Albaninho. É o Sr. José Geraldo Vieira. Depois, quando não é mais "Albaninho", porém "Albano", ainda fica sendo o Sr. José Geraldo Vieira.

Mas aproveitemos a reedição de "A Quadragésima Porta" para dizer algumas palavras sobre o livro. É, como romance eclético, bom. Ecumênico, diz o autor. Nós diríamos "Ecumênico-eclético". Sim, pois além de Universalista reúne as mais variadas tendências de romance. O autor, no "Atrio", o confirma :

"... personagens que sendo meus, podem ter muito do "humano" de Balzac, muitíssimo do "inhumano" de Pirandello, movendo-se todos ora seguindo as leis newtonianas de Stendhal, ora conforme o sistema planetário da casuística de Huxley ou de Joyce..."

E assim faz na citação de muitos outros autores que "contribuíram" para "A Quadragésima Porta". É talvez essa a obra mais marcante do Sr. José Geraldo Vieira. A em que ele mais caprichou e é mais ele mesmo. E note-se que ainda aqui não é só em Albaninho que o autor se pôe. Albaninho — coitado — fá-lo o autor a seu modo, não o deixa vingar, crescer por conta própria. É em todos os seus personagens que o autor está. Bruno, Gonçalo, Brígida, Dom Maxêncio, a turma da "D-U" : se recolhem diante dele, voltam à casca quando ele surge, permanecem lá na sombra, à espera, e o deixam soberano e solitário. Esperam como cães que aguardam o assobio do dono após o pontapé, para voltarem, humildes, abanando a cauda.

Compará-los-íamos a árvores. E o Sr. José Geraldo Vieira a um solo tão fértil, que, por demais fértil, o que se plantasse não vingaria. Nasceria, viveria porém sempre enfez-

do, mirrado por força demasiada que o sufoca, sempre mostrando de onde provém e a que está sujeito, não podendo nem ali nem fora dali, viver.

Na obra do Sr. José Geraldo Vieira, três livros se destacam : "A Mulher que Fugiu de Sodoma", "A Quadragésima Porta", e "A Túnica e os Dados". Consideramos "A Mulher que fugiu de Sodoma" o melhor dos três. Mais humano, mais romance. Onde o autor dá mais oportunidade de vida a seus personagens, sem os virtuosismos, os malabarismos de estilo, demasiados, dos outros dois. Apesar de trechos fracos, cansativos, monótonos, "A Mulher que Fugiu de Sodoma", agrada. E prende. O que não se dá com "A Quadragésima Porta" e "A Túnica e os Dados", que possuem um ou outro trecho de verdadeiro romance, sendo o mais de puro virtuosismo estilístico.

O que é inegável porém, o que ressalta da leitura dos livros do autor de "Território Humano", é a vocação. Uma verdadeira vocação de romancista... frustrada. Pena, muita pena. Pois, como nunca é demais frisar, por certos trechos, podemos aqulatar de quanto seria capaz o Sr. José Geraldo Vieira.

A descrição da Sinfonia em "A Quadragésima Porta" está soberba. Temos a impressão de ouvir a música, nos emocionamos, sentimos diante de nós tudo que os personagens devem sentir, vibramos. É um período de mestre. O mesmo se pode dizer da descrição do planalto de Pamir. Ou então do "sonho-delírio" de Jaiminho, como descrição, como estilo, é estupendo, a tenção continua do princípio ao fim, sempre no mesmo ritmo, sem decair, sem diminuição do nível artístico. Ou mesmo a corrida da personagem sob a tempestade, à noite, na "A Mulher que Fugiu de Sodoma". É drama, do bom. A chuva escorrendo pelo corpo da mulher, encharcando tudo, tôda a natureza, as casas, as ruas, as árvores, os carros, as pessoas, até à alma. E a corrida vertiginosa, mais, mais, sempre mais, a fuga, fugir, fugir, correr e fugir, para não se lembrar de nada, liquidar o trabalho da mente pelo esgotamento físico. Ainda na "A Mulher que Fugiu de Sodoma", a sobriedade de linguagem em certas passagens, no entêro do menino, por exemplo, é de ótimo efeito, emocionante.

Poderíamos citar assim, muitos pedaços esparsos. Mas poderíamos também citar outros perfeitamente dispensáveis e que somente monotonizam a obra. Julgamos que tão somente servem para mostrar a extensa cultura do autor, o seu grande conhecimento do homem, dos lugares e das coisas. Não sabemos se isto é feito concientemente. Pode ser que não. O que sabemos é que, se ajuda a mostrar cultura, prejudica como obra de Arte. E a melhor maneira, na nossa opinião, de mostrar cultura, é fazer Arte para ficar, com tipos humanos, é ter o senso das medidas, do relativo, do equilíbrio. E isto muitas vezes falta. Falta Arte, humana, verdadeira, sincera. Não diremos que o Sr. José Geraldo Vieira não é sincero, verdadeiro, humano. É. Mas diremos sentir uma pena imensa de ver uma vocação novelística inata, um escritor com tanta capacidade, se perdendo, como é fácil de notar através da evolução de seus livros, por extremo de virtuosismo, por desumanização dos personagens, fazendo muito menos do que era de se desejar.

CASA VITOR

Especialista em calçados para homens, senhoras e crianças

GRAVATAS

CAMISAS

MEIAS

CUECAS,

ETC.

Exclusivista dos afamados calçados Scattamacchia

RUA FELIPE SCHMIDT, 3

— FLORIANÓPOLIS

Qualquer livro...

(Romance, poesia, religião, técnico)

de qualquer editora...

(nacional ou estrangeira)

ser-lhe-á fornecido

(por Reembolso Postal, si quizer)

LIVRARIA ROSA

RUA DEODORA, 33

— FLORIANÓPOLIS

Caliban, o monstro inocente

ODY F. e S.

A palestra estava bastante generalizada e muito mais inconsequente. Falava-se de tudo e de todos, pouca coisa coerente, porém, era dita. Mas, que se podia fazer? Falávamos por uma necessidade vital de falar. Estávamos saturados do espírito provinciano, uma província sem méritos e medíocre. Cansados de sonhar. Cansados de ler. Um momento em que tudo nos era irritante e vulgar, não havia outra fuga a não ser falar, falar inconsequentemente, sem raciocínio, não para debater, muito menos para apresentar alguma idéia aos outros, falava-se apenas para ouvir a própria voz e o enfado aumentava.

Já estávamos bastante desesperados quando ele chegou: baixinho, gorducho, caminhando com passos miudos e dolentes. Um gemido do vime e já estava enterrado na poltrona. O pintor inquiriu-lhe sobre a exposição. Com um semi círculo da cabeça, sem movimentar o corpo, deu uma resposta lacônica:

— É!

Senti um alívio. Caliban não vinha disposto a participar do nosso enfado, seu cálice já havia transbordado, limitava-se a ficar calado.

Eu ainda não o conhecia. Ficamos longo tempo sentados, lado a lado, e não falávamos. Não era preciso falar. Ele olhando para mim, fazendo lá sei que idéia da minha figura, da qual eu próprio não possuo conceito muito alentador. Eu



O escultor Moacir Fernandes trabalhando.

vendo diante de mim aquela figura grotesca e um tanto cômica. Isto era o suficiente, já éramos amigos.

*
* *

A madrugada estava calma e doce. O mar, condescendente conosco e com nossas companheiras, procurava, com grande esmero, colaborar com a beleza da noite.

Nossas companhias não falavam, sua participação era feita apenas pelo perfume, um tanto forte, que nos embriagava um pouco. Discutíamos acaloradamente em meio aos lânguidos e sensuais carinhos das duas moças que nos acompanhavam.

Falávamos muito, elas nada diziam.

Discutíamos a arte em geral e a que cada um de nós em particular se dedica. Caliban falava com bastante calor e conhecimento. Defendia seu princípio, suas diretrizes estéticas, argumentava com vivacidade, porque estava, no fundo, defendendo sua própria vida e seu espírito. Caliban, o monstro, no fundo de toda a argumentação, não procurava outra coisa senão uma justificativa para si próprio, uma razão de ser para sua monstruosidade e nestes momentos era de uma inocência pura e tristonha.

Outro remédio não tivemos senão fugir dentro dos lábios que nos eram oferecidos, para não entrarmos nas irritantes confidências.

*
* *

Caminhando sem objetivo passeávamos certa tarde quando Moacir Fernandes contou-me porque o apelidaram, na Escola Nacional de Belas Artes, por Caliban.



Um dos últimos trabalhos do escultor Moacir Fernandes

(Conclue na página 14)

"Oh! pudesse esta carne
tão excessivamente sólida
quebrar-se, dissolver-se, desaparecer feita orvalho!
Oh! não houvesse o Eterno
estabelecido cânones contra o suicídio!
Oh Deus! Deus!
Que onerosos, vazios, medíocres e
infrutíferos me parecem os usos todos deste mundo!
Coisa detestável! É um horto abandonado,
devolvido às urzes;
E apenas ocupado de coisas naturais,
grosseiras e soezes.
E foi mister chegarmos a isto?"

Shakespeare — Hamlet — ato 1 — cena II.

PERSONAGENS

Teo
Diana
Sato
Kreuzza.

CENÁRIO

Quarto de Teo. Cama desarrumada. Estante com livros. Bureau. Poltronas. Sobre o bureau pequeno rádio. A cena possui apenas uma parte, à direita. Em frente desce uma corda preparada para um enforcamento. Em baixo da corda, uma cadeira.

CENA

Ao subir o pano Teo está sobre a cadeira. Tem uma das mãos apoiada no laço da corda e parece meditar.

TEO — Bem, é preciso resolver este negócio de uma vez. Esta é a terceira tentativa... coragem não falta... Interessante notar que o medo não nos faz desistir... é o raciocínio e o raciocínio nos traz outra vez perante a corda e novamente nos afasta dela, para mais uma vez nos trazer ao mesmo ponto. — (PAUSA) — O suicídio é uma bela coisa... O diabo é que a sociedade nos exige um motivo. É preciso haver uma explicação. Qual será a minha?... Eu só sinto a paixão pela morte, mas devo ser eu, conscientemente, o que deve por fim à minha vida. Desde pequeno — até onde minha memória alcança — eu sofro a atração do suicídio. Lembro-me bem do prazer imenso quando me aproximava da beira de um abismo. Imaginava coisas maravilhosas... Via meu corpo caindo e se despedaçando lá em baixo... Uma delícia... um gozo estranho e invulgar. Quando vejo uma arma nunca penso em matar ninguém, só a mim mesmo: levantar o revólver, lentamente, encostá-lo ao ouvido e... pum! Eis os miolos estourados... delicioso! A força é a mais bela das coisas. Nenhum instrumento de morte possui a sua poesia. Um golpe rápido... um rosto que se torna redículo e um corpo que balança dolente e suave, como um berço ao som de uma balada de ninar.

— (Balança a corpa de um lado para outro como se fosse um pendulo) — Movimentos vagarosos, lentos, do-

ces, é o pendulo do relógio sem marcador. Um relógio sem máquina, mas pujante de vida... Uma vida que já não servirá para mais nada. (Começa a arrumar a corda para se enforçar).

DIANA — (aparece na porta. Sua roupa de rua, as mais simples possíveis. É jovem e bela). — Eu já esperava isto, mas não para tão cedo...

TEO — (Sem surpresa vira-se com calma) — Querida Diana... é para hoje!

DIANA — (Aproximando-se) — Vai ser um espetáculo empolgante...

TEO — (Olhando fixamente a corda) — Sim... Mas vocês não o assistirão...

DIANA — Isto é egoísmo... Não são duas, na vida, as oportunidades de apreciarmos tão bela execução...

TEO — (Sentando-se na cadeira em que estava trepado) — Não... Sou mesmo bastante egoísta. Quero este instante só para mim... É a maior realização de minha vida e quero que seja só minha...

DIANA — (Dando de ombros) — E eu com tanta vontade de assistir ao teu suicídio... para que horas será isso?

TEO — Ia ser agora... Eu já estava me preparando quando chegastes.

DIANA — Espera um pouco. Sato e Kreuzza virão aqui. Vamos fazer uma pequena festinha comemorativa? Assim conversaremos mais um pouco com o vivo que já nasceu morto.

TEO — Sim! Eles que não se demorem, não posso esperar muito.

DIANA — Não vais deixar nada de recordação para nós?...

TEO — O que vocês quiserem. Os livros... A discoteca...

DIANA — Talvez eles queiram... eu não! Livros e discos posso comprar-los. Quero uma recordação toda especial...

TEO — Toda especial? Que é?

DIANA — A corda... Quero pendurá-la em meu quarto!

TEO — Mas isto é impossível, a polícia a levará...

DIANA — Deixa escrita uma declaração, como se fosse tua última vontade, que a corda me seja entregue.

Os Pecadores

1 ato de Ody F. e S.



(Ilustrou Moacir Fernandes)

THEO — Eu não quero deixar nada sobre o meu suicídio. Nada... Quero que ele seja apenas um suicídio... só!

DIANA — (Aproximando-se dele) — Seja bonzinho... me dá a corda... eu a pendurarei em meu quarto, assim nunca me esquecerei de ti.

THEO — Não, não posso. Leva outra coisa. — O meu diário por exemplo. Nele encontrarás coisas preciosas sobre o suicídio.

cama, onde se sentam) — Se não queres esperar por eles podes te enforçar já. Eu ficarei aqui e pedirei desculpas por não teres esperado.

TEO — Esperarei! Quero ve-los mais uma vez. Nós quatro há muito somos inseparáveis e é-me impossível deixar de ve-los ainda.

DIANA — (Acariciando os cabelos de Teo) — Somos uns inúteis, mas sabemos dirigir nossa vida. Vivemos como queremos e morreremos como é nossa vontade.

TEO — Como pretendes terminar, Diana?

DIANA — Ainda não sei. Acho que procurarei uma morte lenta. Quero sentir a vida paralisando suave. Assim terei tempo de pensar alguma coisa definitiva.

TEO — Ontem passei por uma igreja, não sei onde. A porta estava aberta. No fundo, ao alto, havia um enorme crucifixo. Instantaneamente veio-me a cabeça a idéia de Cristo ter sido um suicida. O mais perfeito deles. Antegozou sua morte. Falou dela mais de uma vez. Encenou-lhe um excelente fundo dramático. Rodeou-a de misticismo, medo e confusão. Sim, foi um suicida perfeito. Modesto porque ninguém o comenta por isto, gozou sózinho a beleza de sua morte. Inteligente porque conseguiu fazer com que a humanidade nunca se esquecesse dele... — Já notaste que podem nos falaz e podemos nós faze-lo, sobre Cristo, de mil modos diferentes, mas a figura mental que dele fazemos é sempre o Cristo crucificado?...

DIANA — Realmente, mas...

(Aparecem Sato e Kreuzza. Ainda são jovens. Vestem com simplicidade).

SATO — Demoramos muito?

KREUZA — (Aproximando-se da corda). — Ah! Então é hoje o grande espetáculo?

TEO — Sim!

SATO — (Aproximando-se de Kreuzza e fazendo a corda balançar) — Está bem segura? Será uma tremenda decepção se em vez de morreres deres com as nadeças no chão.

TEO — Está firme, tudo foi minuciosamente preparado.

KREUZA — Se soubesse que seria hoje teria trazido minha câmara, tiraria umas boas fotos...

TEO — Não terei assistência...

SATO — O que? Vais nos privar de tão belo melodrama?

DIANA — O homenzinho está irreduzível. Ele nunca fez isso conosco.

TEO — Sinto muito. Sempre compartilhei tudo com vocês, mas este espetáculo será só meu.

KREUZA — Não achas ainda ser cedo para o fim?

THEO — Sei bem que já é chegado o momento.

SATO — Então conversemos um pouco. Esta é a última reunião com-

pleta. Os pecadores começam a se dissolver.

DIANA — A nós não nos resta muito tempo, também, creio que serei a segunda.

SATO — Eu o terceiro...

KREUZA — O "último dos moicanos" então serei eu?

SATO — Não há necessidade de discursos. Este é o princípio do nosso fim. Vivemos realmente? Fomos o que devíamos ser?

DIANA — Se levamos a vida como era de nossa vontade sim. Caso contrário não passamos de quatro estúpidos.

THEO — Vivi muito para morrer assim. Vinte e dois anos e dez esperanças por este momento. Os suicidas não devem nunca ser recriminados, pois só eles sabem o momento exato em que é preciso deixar de viver. Um dos grandes males da humanidade é não se cultivar o costume do suicídio. Se todo homem tivesse a noção exata do momento em que deve terminar com a vida, o mundo seria melhor.

KREUZA — O mundo seria melhor... eis uma frase que me soa tremendamente mal. Eu adoro o mundo assim como ele é: falso, ignobil, hipócrita. Toda a sociedade está fundamentada em três grandes mentiras: a mentira religiosa, a mentira política e a mentira intelectual. Não quero dizer com isto que não existam sinceros, mas estes são apenas uma elite...

SATO — Agora que começa nossa derrocada é que aparece o nosso filósofo. Eu prefiro a poesia. — (Para Teo) — Vou prestar-te a minha homenagem póstuma. Já que não saírais mais vivo deste quarto, te posso considerar morto. (Dirige-se para a boca da cena e fala para a corda) — A ti dedico estes versos de Shakespeare: — (Balança a corda) —

"Oh! pudesse esta carne
tão excessivamente sólida
quebrar-se, dissolver-se desaparecer

[feita orvalho!

Oh! Não houvesse o Eterno
estabelecido cânones contra o suicídio!
Oh Deus! Deus!

Que onerosos, vazios, medíocres e
infrutíferos me parecem os usos deste

[mundo!

Coisa detestável é um horto

[abandonado,

devolvido às urzes;
E apenas ocupado de coisas naturais,
grosseiras e soezes.
E foi mister chegarmos a isto?"

(Pausa) — Será preciso que terminemos assim? Nada mais nos resta!

DIANA — Ué! Que foi que houve?

SATO — Nada! Nada mais que um momento de angústia. Este momento terrível em que nada sabemos, nada pensamos e nada sentimos. A

(Conclue na página 11)

CAFÉZINHO DE VISITA

Conto de ANIBAL NUNES PIRES

O meu amigo Benito, um italiano de Florença, cerimonioso ao extremo, observava à risca as regras da etiqueta. Muitas vezes enguliu em seco e sempre acatava, com sorriso nos lábios, as mais absurdas e idiotas afirmações que, na conversação, lhe eram dirigidas. Conheci-o no Rio de Janeiro, numa dessas reuniões de estudantes e, sendo eu avesso a tradicionalismos inadmissíveis, fizemos amizade e, de quando em vez, discutíamos sobre as limitações e convenções sociais. Ele admirava a aparência social, eu detestava e tinha ímpetos de desmascará-lo. No fundo, êle tinha razão e conseguia mesmo a minha aprovação quando me explicava o seu modo de pensar.

— Meu caro, para que possamos viver socialmente, é necessário que não digamos as verdades e mesmo porque a verdade não é dêste mundo, ela só aparece depois da morte.

— Não o entendo. Se a verdade surge só depois da morte, os que a amam sentem mais vontade de morrer do que de viver e isso seria então um incentivo para o suicídio... Não acha você?

— É claro! Por isso mesmo eu reafirmo. O que vence sempre é a mentira. Todos mentem. Todos enganam. Mentimos e enganamos porque temos amor à vida. A verdade é da morte, porisso é que nós tememos ambas com a mesma intensidade.

— Eu não tenho medo da morte!

— Quer dizer que ama a verdade?

— Sim! se bem que nem sempre a diga...

— Veja, meu amigo: você quer uma coisa impossível de se realizar: Deseja a verdade da morte, porém não quer deixar a mentira da vida.

— Mas... Você sintetizou tudo numa fórmula tão simples — verdade-morte, mentira-vida — que o bom senso e a razão não o admitem.

— Escute, nós nunca dizemos, precisamente, o que sentimos, tudo o que falamos ou tem demais, ou de menos ou é ainda bem diferente do que tínhamos pensado. A verdade não admite capa e não conhece desculpas e, analisando bem, toda desculpa é uma mentira escondida. Nunca é a verdade em si. Sempre há de ter um apêndice ou uma falha.

— Mas, Benito! Isso são atitudes tomadas por pessoas que não se determinam e não sabem o que querem...

— Olhe, rapaz, aquele mendigo, conversando com o moleque; está rindo, não está? está contente, já conseguiu o que chega para hoje, não é?

— É.

— Repare a transformação da fisionomia quando essa velha rica, que passa por nós, chegar perto dêle. Repare! veja só! Olhe, olhe! Acha você que a expressão é a mesma? Até os mendigos sabem que as aparências são o que convencem a sociedade.

— Isso é um caso isolado...

— Qual nada. Escute a voz do jornaleiro, tudo mentira o que está dizendo, repare o vendedor de maçãs; observe aquelas duas mocinhas, trocando beijos de despedidas; fixe aquele pelintra, com a cara mais aborrecida dêste mundo, mas sendo obrigado a dizer: "Muito prazer em conhecê-lo".

— Então, você acha, Benito que devemos bater palmas quando temos vontade de vaiar, elogiar uma mulher feia, quando desejamos chamá-la de espantalho, tolerar uma conversa idiota quando temos o desejo de mandar o conversador às favas? Só para não fugirmos à etiqueta e ao convencionalismo?

— Até que enfim você compreendeu! E ainda digo mais: os outros também sabem que nós estamos mentindo. E isso provém de terem, o convencionalismo e a tradição, fantasiado a verdade. É assim, meu velho! Vestimos a verdade para encobrir as nossas vergonhas, quando a verdade não necessita de roupagens, ou de fantasias. Ela deve andar sempre nua.

Benito sabia convencer a gente. Eu experimentei seguir a sua teoria e sempre saí bem sucedido. Acontece, porém, que volto para Florianópolis, cidade pequena e por isso mesmo cheia de preconceitos e de costumes muito interessantes: O cafezinho de visita é, em Florianópolis, uma tradição; tôdas as famílias a conservam e tôdas oferecem o cafezinho às suas visitas, até às inoportunas. As expressões são também de praxe: — "Esperem pelo cafezinho"! — "Obrigado, não se incomode, nós precisamos sair agora!", "Não desejamos causar transtornos!" — "Absolutamente!" "Não é incômodo, já estávamos preparando". "É um prazer!" "Não custa nada!"

A insistência é grande, e não menos é a relutância. Quer queiramos, quer não, acabamos tomando o cafezinho.

CASA SALUM

DE

ALEXANDRE SALUM

Unico depositario nesta praça dos afamados chapeus

C U R Y

RUA CONSELHEIRO MAFRA N. 12

FAZENDAS

Grande sortimento de sedas em sua FILIAL à

Rua Felipe Schmidt s/n N E S T A

VITOR DA LUZ FONTES

ENGENHEIRO CIVIL

PROJETOS — CÁLCULOS — CONSTRUÇÕES
TOPOGRAFIA — URBANISMO

Rua Trajano, 14 — 2.º andar
FLORIANÓPOLIS

Fabrica de Bebidas — M A R T E

GASOSAS, GUARANA, XAROPE, KOLA MARTE,
— AGUARDENTE —

IRMÃOS MENDES & CIA.

INDÚSTRIA E COMÉRCIO

FILIAL BIGUAÇÓ

END. TELEGRÁFICO

CONSELHEIRO MAFRA, 99

" P E R I N E "

FLORIANÓPOLIS

CAIXA POSTAL, 61

SANTA CATARINA

*

Não sei que de negócios tinha Benito, em Florianópolis, que um belo dia o encontro na cidade. Agradável, como sempre, mostrava que seguia as regras que determinara.

— Cheguei ontem, hoje tenho que visitar a família Silva Maia. Não sei onde mora. Quem sabe você conhece? Vamos lá? Não pense muito? Vamos, não é?

— Conheço, sim, mas... É uma família cheia...

— Então está para mim! Eu sei lidar com tudo o que diz respeito às aparências e etiquetas.

— Você pensa que eu não o conheço?

— Sim! mas não sabe que melhorei muito...

— Que horas tem?

— Dez para as dez.

— Então vamos!

*

Meia hora de conversa. O velho Silva Maia tinha apresentado a família inteira, inclusive a "bolinha", uma cadeliha lulú, que, antes, havia anunciado a nossa chegada.

Eu estava agoniado, pois a conversa em nada me interessava e sabia que iam demorar, pelo menos mais uma boa meia hora, pois o infalível cafezinho ainda não tinha vindo à baila.

Esperava um intervalo na conversa, mais ou menos longo, para entrar com o meu: "Está na hora, não acha, Benito?" Mas a mulher do seu Silva Maia, uma dessas senhoras que não saem de casa mas sabem da vida de todos, enchia

o meu amigo de perguntas ininterruptas e vazias. E o Benito ainda dava corda...

Em dado momento o velho pigarreou, trocou um olhar com a Sra. Silva Maia que pediu licença e se retirou. Pensei comigo: É a hora do cafezinho; e, aproveitando a ocasião, dirigi-me a Benito: Vamos. Está na hora, você não acha?

— O velho nem deixou Benito responder...

— É cedo! Esperem pelo cafezinho!"

E os diálogos se repetem...

Pouco tempo depois o cafezinho chegou. Xícaras pequenas de porcelana chinesa, duas apenas. A Sra. e o Sr. Silva Maia não tomavam café.

— Meu Deus! disse instintivamente depois de tomar um golezinho.

— Está bem de açúcar? perguntou o velho.

— Disse um "está" mecânico, sem pensar, procurando um lugar onde pudesse despejar "aquilo" sem que ninguém pudesse observar, e consegui. Estava sentado perto de um desses vasos de samambaia onde, com um gesto rápido e que ninguém percebeu, deixei aquela rubiácea falsificada e de gosto suspeito. Olhei o meu amigo.

Suava como um réu, ao ser interrogado, remexia-se na cadeira e eu sabia por que, e pensando bem, divertia-me com a situação dele.

O subconsciente de Benito agiu mais depressa do que as suas teorias convencionalistas e tradicionais. Quando a velha perguntou qual de nós dois era o mais velho, ele respondeu:

— É... "barata pura".

OS PECADORES (Conclusão das páginas 8 e 9)

inutilidade. Nós somos inúteis, porque não nos deram oportunidade de fazer alguma coisa. — Nossa vingança é escandalizá-los. No fundo é isto: os quatro pecadores não passam de quatro coitados sedentos de vingança.

TEO — Não, Sato. Somos fruto da saturação. Somos a ruína. Iniciamos a era da destruição. É preciso destruir. Acabar com este Deus impotente e escravizador. Acabar com os conceitos e os preconceitos. Somos indivíduos que destruímos a época em que vivemos porque nascemos antes do tempo. Somos deslocados e pagamos e cobramos caro por isto.

KREUZA — (Suave) — Vocês estão errados e não chegarão à conclusão nenhuma assim. Há uma verdade ou, talvez, uma fatalidade da qual não podemos escapar: Somos fruto da época e da sociedade em que vivemos, saímos, porém, ao contrário do que esperavam de nós. Tivemos uma grande desilusão conosco e não nos perdoarão, nunca!

DIANA — Afinal de contas nada disto nos interessa. Teo irá se suicidar. Eu também, a minha maneira, é claro. Kreuza não irá muito longe e Sato muito menos. Esta é a nossa verdade.

Sato — E porque haveremos de terminar assim?

TEO — Esta é a nossa vitória. Destruímos o determinismo social e a predestinação divina. Não vivemos pelos moldes da religião e terminamos contra os seus princípios. Cons-

truímos e destruimos nossa vida, apesar disto nada nos adiantar...

KREUZA — Que queres dizer com isto?

TEO — Talvez seja a dúvida. Fiz tudo o que tive vontade de fazer, mas agora não sei se o que fiz era realmente o meu desejo...

DIANA — Fraquejando?...

TEO — Isto não me adiantará mais nada... O meu fim já chegou. Hoje tudo terminará para mim. — Céu? Inferno? São incógnitas do meu amanhã.

SATO — Eis aí a nossa chave: a dúvida, a eterna dúvida.

TEO — Mas isto já está se tornando incomodo. Podem ir agora... não posso esperar mais...

KREUZA — Sinto muito perder este espetáculo. Voltarei daqui a uma hora, talvez ainda te encontre pendurado.

SATO — (Vai saindo com Kreuza. Da porta) — Adeus Teo. Voltarei com Kreuza.

DIANA — (Sato e Kreuza saem. Diana para na porta). — Voltarei com eles. Não te esqueça... a corda é minha... (sae).

TEO — (Dirige-se para a cadeira, onde sobe. Começa a abrir o laço da corda) — "E foi mister chegarmos a isto?"

PANO.

Egofobia

C. BOUSFIELD VIEIRA

Hoje me sinto cansado.
Cansado das coisas que me rodeiam,
Dos homens, das mulheres,
Dos livros, da poesia,
Da música, da vida...
Cansado de tudo e de todos.

Mas me sinto cansado,
Principalmente,
Cansado de mim mesmo...
Cansado deste eu,
Que é como uma canga
Sobre a cerviz do meu espírito;
Cansado de ser eu mesmo,
Com as virtudes de sempre
E os defeitos de sempre;
Com o meu lado bom
E o meu lado mau;
Com a minha coragem
Diante dos homens
E a minha timidez
Diante das mulheres;
Com o meu coração compassivo
E o meu fígado doente...

Me sinto cansado...
Extenuado...
Com um cansaço que não é bem cansaço,
Mas... mas... EGOFOBIA!
Sim, egofobia,
Por que não dizer?

Uma egofobia tal
Que me consideraria o mais feliz dos viventes,
Si um avião milagroso
Sobrevoasse este eu que tenho dentro de mim
E lançasse em cima dele
Uma formidável bomba atômica,
Mas uma bomba enorme, possante,
Que desintegrasse este maldito eu,
Que o dividisse em milhões de átomos,
Em milhões de pequeninos eus,
Todos diferentes,
Todos novos,
Novinhos em folha!

Mas, ora! Que loucura...
Este avião não poderá vir hoje!
Nem hoje, nem nunca.
E eu não terei, hoje,
Dentro de mim
— Nem hoje, nem nunca —
Esses milhões desejados
De novos e diferentes eus.

Não!
Este eu que tenho dentro de mim
Nunca será outro eu,
Nunca será outros eus,
Diferentes e novos...
Nunca se desintegrará...

Balada da Solidão

EGLÊ MALHEIROS

Sair andando
Nos lábios triste melopéia
De sons repetidos
Lamentosos
Tediantes

Ir por aí
Uma lágrima para cada tristeza
Um sorriso
Quasi soluço
Para os que ignoram a alegria

Perambular...
Um segredo pr'a lua
Um murmúrio pr'o vento
Sonhos coloridos pr'as flôres
E uma vontade enorme
De um abraço
Tudo irmanar

Fugir
Para me encontrar nos outros
Ignorar
O desfile incessante
Em fileira de um
Da humanidade
Esquecer
Meus recalques
Acabar, diluir
Meu egoísmo
E a dança ritmada
Da angústia de sofrimento e realizações

Sair, fugir, esquecer
Ir embora, ignorar...
Nada mais é que a procura
De "não ser" para não estar só
Mas eu não posso sair
Barreira de imensas insignificâncias
Me amarra, me prende
E mesmo amor
Não acaba a solidão
(Comunhão pressupõe dois
E é o ego que isola)

Num pensar de aniquilamento
Repito querendo negar
"Não estarei sempre só"
O eco verade responde:
"Sempre só..."

Há de ser sempre o mesmo eu,
Sempre uno, indivisível, imutável!

E hoje eu serei obrigado a suportar
Este cansaço,
Esta egofobia,
Este desejo insano, irrealizável, impossível,
De renascer de mim mesmo!

AVIAMENTO DE RECEITAS,
FEITO COM TODO CUIDADO
E SEMPRE POR PREÇOS SEM
CONCURRENCIA

na

FARMÁCIA MODERNA

de

EDUADO SANTOS

Rua João Pinto, 4 — Telefone, 1375

FLORIANÓPOLIS

LIVRARIA MODERNA

— DE —

PEDRO XAVIER & CIA.

Dispõe de variado sortimento de material escolar,
livros didáticos, papelaria e artigos de escritório
em geral.

Rua Felipe Schmidt, 8

FLORIANÓPOLIS

VENDO O TEATRO MOÇO

(Conclusão da página 2)

Dentre os homens, não posso deixar de reconhecer o esforço que empregou o sr. Nunes Pires para bem desempenhar os papéis que se lhe confiaram nas composições de Pirandello e Sartre. Inteligência não lhe falta, não. Falta-lhe, porém, voz. A sua pronúncia é, não direi cava, mas, quase surda, como se falasse entre fardos de algodão. Falece-lhe clareza de timbre que avive as vogais e não abafe os finais de frases. Conseguirá ele remover essa deficiência?

O sr. Valmor Silva parecia atacado de tarantismo. Não parou um instante no palco. Não parou de mexer com as mãos. Não parou de... ficar sério. Sim: a fisionomia conservou-se sempre a mesma. E pálido! E trêmulo? Tive a impressão de que ele fôra posto ali à última hora.

Por sua vez, o sr. Salim Miguel não teve oportunidade de nos revelar a sua inteira capacidade artística...

Já o sr. Ody S. Fraga mostrou a compreensão irreprochável dos papéis que lhe deram na comédiazinha de Shaw e no micro-drama de Sartre. Gêneros diversos, mas ambos por ele interpretados com bastante consciência e talento.

Estas linhas, só agora escritas, aqui ficam para resgatar o silêncio da imprensa acerca de um movimento artístico, que pode estar crivado de senões e equívocos de natureza pessoal, mas traduz, sem dúvida nenhuma, o desejo de realizar **algo nuevo** em nossa terra.

Fôra eu homem rico e abriria generoso a bolsa para que esses moços montassem convenientemente os seus espetáculos, com guarda-roupa adequado, cenários sugestivos e elementos próprios para os efeitos de luz, tão importantes nos espetáculos modernos.

Como não tenho um gordo cheque para lhes dar, dou-lhes, em compensação, o meu sincero parabém.

Parabém?...

Calate, bôca! Não é com isso que se enche barriga nem se montam peças teatrais.

Ora, pois...

(Transc. de "Diário da Tarde", 12-5-48.)



Tela do Pintor catarinense José Silveira D'Ávila

PARÁBOLAS O GESTO

Gomes da Silveira

Da janela do ônibus "Assunção" que me leva para casa, vejo a velhinha que está todos os dias, a esta hora, debruçada à sacada do sobradinho do Menino Deus. E, ao passar por ela, sem saber porque, estendo o braço e abano. Vejo, então, a mão descarnada que me corresponde, enquanto o rosto murcho se abre num sorriso.

Enquanto o ônibus me leva pela margem do rio, imagino a velhinha correndo para o interior da casa e dizendo alvoroçada à sobrinha solteirina:

— Sabes quem passou agora mesmo por aqui? O Pedro. Vi perfeitamente, ia no ônibus Ipanema e abanou para mim. Bem tinham me dito que ele estava fazendo uma casa muito bonita lá em Ipanema. Ha quanto

tempo que eu não via o coitado, sempre trabalhando, o dia inteiro, e eu sem poder sair de casa para fazer-lhe uma visitinha. Mas, agora já sei onde êle está. No domingo, vamos acordar cedo para passar o dia com êle. Que lindo dia vamos passar!

Durante o resto da semana, a velhinha, em cuja vida não acontecia mais nada, viverá para isso: para passar o dia com o Pedro em Ipanema. No sábado, será encontrada morta na cama. Não poderá fazer o seu passeio, não terá o desgosto de descobrir que se enganara, que o homem que lhe acenara do ônibus não era Pedro nem morava em Ipanema. Mas, até lá, terá enchido com momentos felizes os últimos dias da sua vida extinta, na qual o meu gesto criou um fundo.

Todo e qualquer livro dirigido a esta Revista, independentemente de crítica assinada, será registrado.

Desejamos manter contacto e permuta com outras publicações.

VENDA AVULSA DE "SUL"

"Sul" encontra-se à venda na "Livraria Moderna", de Pedro Xavier & Cia., Rua Felipe Schmidt, 8.

DR. ARTHUR PEREIRA E OLIVEIRA

CLÍNICA GERAL DE ADULTOS

DOENÇAS DE CRIANÇAS

Consultório: RUA TRAJANO, 29

Residência: RUA ALVES DE BRITO, 20

FLORIANÓPOLIS

MARÇAL

Um café superior, para o seu paaldar apurado

Fabricante: A. LISBOA

BIGUAÇU — SANTA CATARINA

À venda nas boas casas do ramo

JOSÉ VALE PEREIRA

REPRESENTAÇÕES E SEGUROS

Sul América Vida e ramos elementares

Escritório, Rua Conselheiro Mafra — Fone 1362

Florianópolis

Santa Catarina

O FIM

(Conclusão da página 4)

Balbuciei uma desculpa sentindo que a salinha onde estávamos girava fóra dos meus sentidos. — Compreendo. Ela notou meu arrependimento. — Delicadamente ofereceu-me uma cadeira e perguntou como havia acontecido tudo.

É medonho irmã ver um amigo ir findando assim como Wolynsk : um sujeitão bom e trabalhador como máquina de fabricação real. — E tudo aconteceu num minuto : estavam reunidos os do partido alemão, quando Wolynsk passava, um deles o mais exaltado, falou para ele ouvir — aqui ainda tem polaco !!! — Wolynsk já andava oprimido com a invasão da sua pátria. Não tolerou o insulto sem resposta. — Voltou e bem em frente deles todos, gritou desafiante : — viva a Polônia !!!

Foi tudo. Todos jogados pela móla do ódio atiraram-se sobre ele. Vi quando caíram em cima dele e quando deixaram-no. Estava desfalecido e no estado em que chegou aqui no hospital.

*
* *

Entrei e ele estava quieto como a irmã Théa, recomendou. Dr. Nietzsche, olhou-o demoradamente, por fim acenou como quem dizia : sim. Em seguida deixou o quarto. Logo vieram com a maca para leva-lo para outro quarto. Talvez tivessem-no despertado da sonolência. Ele abriu os olhos pesados e murmurou :

— Já é denoite ? — Não. Respondí.

— Então por que da goiabeira só vejo a sombra e a grama do pasto ficou cinzenta . . .

— É a tarde que vai chegando. Remediei.

— Irmã-enfermeira ? — Pressentiu que irmã Théa estava no quarto. Ela colocou a mão magra e alva na testa dele.

— Irmã, está ficando escuro. Apreensiva, ela apalpou-lhe o pulso e tocou a campainha três vezes. Chamava o dr. Nietzsche. — O médico entrou, sem ser indiferente sem estar preocupado, fitou-o e acenou como quem dizia : ele já está fóra da mão da medicina . . . É o irremediável.

A irmã Théa, conhecia bem os gestos silenciosos do doutor :

— Tirou o crucifixo da parede e colocou-o deante dos olhos dele, semi-abertos e tranquilos. A irmã balbuciava contrita a reza habitual do momento da morte. Ele ainda abriu uma vez os olhos amortecidos e pediu :

— Irmã Théa, abra a janela . . .

Ela não interrompeu a oração, apenas, olhou a réstia de sol coada através dos vidros da janela e ficou olhando o voo solitário de um pássaro que cortava bem alto o azul desbotado da tarde de outono.

CALIBAN, O MONSTRO INOCENTE

(Conclusão da 7.ª página)

Sou discreto e não conto a história, mas não posso deixar de comentar o significado da alcunha.

Moacir como Caliban é um autentico artista. Para mim o artista não é apenas a sua obra, porém a sua vida. A pacatez burguesa, sem problemas econômicos e muito mais feliz ainda, pelo alheamento do problema espiritual e estético, só pôde considerar Caliban o monstro em si. Carece da mais rudimentar capacidade de entrever a beleza e o fascínio que existe no fundo das almas monstruosas. O belo para o burgues não é o que esteticamente o podemos considerar e sim aquilo que lhe foi dito e convencionado ser belo.

Caliban é belo pela sua inocência e nós, muitos de nós nos temos tornado monstros porque em sentido primário somos eminentemente inocentes, em outras palavras sinceros.

Este era o principal motivo que me levou a escrever sobre Moacir Fernandes, não sobre o escultor, mas sobre o artista em síntese : O homem em si.

*
* *

O navio estava quase que abandonado. Sentados na beira do trapiche escutávamos o rádio portatil. Pouco tempo depois, com a fixação de um encontro próximo e a troca de dois palavões nos despedia-mos. Caliban, o monstro inocente, partia.

Parábolas

Gomes da Silveira

Para "Sul"

A ALMA

De pé ao centro do atelier, as pernas afastadas sob o avental sujo, as mãos enegrecidas e calosas, o rosto suado e vermelho, a pequena boina escura coberta de pó, o escultor contemplou longamente a obra recém-terminada e levantou os olhos para o céu.

— Senhor ! — disse. — Aqui está a minha obra prima. Vêde como é bela ! Transformei num corpo perfeito a pedra bruta que deixaste abandonada na terra. Paga-me, agora, dando-lhe uma alma.

Dois dias depois, receioso, o escultor voltou ao atelier. Lá estava, no centro da sala, o corpo que criara. A pedra era a mesma, porém, nada mais havia da sua obra. As mãos que talhara numa atitude de repouso estavam crispadas sobre a cabeça de cabelos revoltos. Os olhos esgazeados fitavam com inveja o modesto torso que o artista guardara carinhosamente como lembrança da sua primeira experiência tímida. A boca, tão pura na pedra dócil, deformara-se num esgar de ódio. E, sobre toda a deformação, passava um prêmio de desesperado pavor, o desesperado pavor da morte.

O Senhor ouvira o escultor e dera uma alma ao corpo de pedra. E o corpo, destinado à beleza imortal, deformara-se pela inveja, pelo ódio e pelo medo da morte, que a alma transmitira ao corpo de pedra.

DR. ARMANDO VALERIO DE ASSIS

CLINICA MÉDICA DE CRIANÇAS E ADULTOS

Alergia (Asma, Eczemas, Urticárias e Rinites)

Consultas das 15 às 18

Consultório : Rua Nunes Machado, 7

Chagall expõe em Londres

De Eric Newton

Especial do B.N.S., para a Rev. "Sul".

A exposição de telas de Van Gogh, que teve tanto êxito ao ser realizada na Tate Gallery, foi seguida de uma exposição igualmente ampla de obras de Chagall. Esta não atingiu tanta popularidade, mas foi frequentada por mais pessoas do que se esperava. O nome de Chagall não é bem conhecido na Inglaterra e não está ligado a nenhuma narrativa romântica. Parece como se, tendo descoberto a Tate Gallery, o público houvesse adquirido o hábito de frequentá-la.

Digna de ser visitada, a exposição abrangeu toda sua vida produtiva, mostrando suas melhores telas, feitas na Rússia, seu país natal; em Paris, para onde gravitou inevitavelmente e onde passou a maior parte de sua vida, e nos Estados Unidos, onde mora desde o começo da guerra. A mistura extraordinária, em seus primeiros anos, de fantasia romântica e cubismo — elementos que se acreditava não podiam ser misturados — cedeu lugar, nas suas últimas produções, a um delicioso romanticismo sonhador. Seus quadros parecem estar compostos de recordações infantis das aldeias russas: sonhos diurnos de um rapaz, expressados de maneira complicada mas serena, que encontram expressão num rico colorido, predominantemente azul. Chagall tem essencialmente uma mente candida, mas uma atitude sofisticada em pintura. Talvez a candura seja russa, e certamente a sofisticação é parisiense. É interessante observar que durante seus seis ou sete anos de residência nos Estados Unidos, Chagall não perdeu a inocência. Suas recordações são tão vivas como sempre, e sua fantasia, tão evocativa.

Uma organização recentemente formada, denominada Instituto de Artes Contemporâneas, está dando passos para realizar um plano ambicioso. A idéia consiste em estabelecer em Londres um centro cultural ao serviço de todas as artes. Estará formado por um teatro, um estúdio cinematográfico, uma galeria de arte e uma biblioteca. Organizará concertos, declamações poéticas e conferências, bem como exposições. Começou modestamente, se compararmos sua atividade atual com suas ambições, com uma exposição de pintura e escultura, abrangendo os últimos 40 anos, na Academy Hall.

A exposição consiste de uma centena de telas e 20 exemplares de escultura. Sickert, Bonnard e Maillol estão incluídos, mas, em comparação com o grosso da exposição, têm um ar do século XIX. A arte abstrata está representada por Mondrian e Ben Nicholson; o surrealismo por Dalí, Magritte e Klee; o expressionismo por Kokoschka; o cubismo por Picasso e Juan Gris. Entre os pintores e escultores britânicos representados, figuram Colquhoun, John Craxton, Ivor Hitchens, Wyndham Lewis e outros.

O resto da exposição consiste de trabalhos de artistas contemporâneos entre os quais os mais extraordinários são uma série de grandes cópias, em aquarela, de frescos de templos do Ceilão. Estes frescos — inspirados e inocentes na execução, na maioria dos séculos XVIII e XIX — estão em perigo iminente de destruição. Não são certamente grandes obras primas, mas sim encantadores exemplos da arte popular apoiada por uma poderosa tradição religiosa.

Ouçam a emissora sul-catarinense dos melhores programas

ZYO-9

SOCIEDADE RÁDIO TUBÁ LIMITADA

Estúdio e Escritório: Rua Lauro Müller, 1 — 1.º andar
Caixa Postal, 72 — End. teleg. RADIOTUBÁ — Tel. 48

TUBARÃO — SANTA CATARINA

Livros para a juventude

VIAGEM ATRAVÉS DO BRASIL — Paraná —

Ariosto Espinheira — "Edições Melhoramentos".

As "Edições Melhoramentos" acabam de lançar, em segunda edição revista, o sétimo volume da série "Viagem Através do Brasil" de Ariosto Espinheira, que focaliza aspectos do Estado do Paraná, a terra dos pinheirais.

Já em edições anteriores essa valiosa série tem apresentado livros em que se descrevem para as crianças e adultos, as belezas de nossa terra, as riquezas e maravilhas naturais.

Os acontecimentos históricos ligados aos acidentes geográficos são focalizados de maneira interessante pelo autor, fazendo despertar na imaginação e na sensibilidade dos leitores um carinho mais fundo pelo que é brasileiro.

O volume ora apresentado, sobre a terra paranaense é dos mais ricos em matéria ilustrativa e todos os aspectos da região dos pinheirais ali foram gravados num texto escoreito, simples e ilustrado pelas mais sugestivas formas.

Trata-se de um dos vitoriosos lançamentos de "Edições Melhoramentos" a editora pioneira dos bons livros para a juventude.

MAGISTER — A revista brasileira, de São Paulo, para o Mundo. — Redação e administração: Av. Rangel Pestana, 2102 — 1.º andar — sala 115 — S. Paulo — Brasil.

Recebemos:

LIVROS: — "Interpretação regional do Município de Rodeio", de T. C. Jamundá, edição do autor;

"Viagem através do Brasil", de Hildebrando de Lima, da Edições Melhoramentos de São Paulo (Vol. Paraná).

"Problemas da Filosofia do Direito", do Dr. Henrique Stodiek, conferência pronunciada no Centro Acadêmico XI de Fevereiro e agora divulgada sob o n.º 1 da coleção "Divulgação" do referido Centro.

— A Biblioteca Pública do Rio Grande do Sul vem dando divulgação à literatura riograndense, enviando livros de escritores gauchos, sobre assuntos gauchos para todo o Brasil. Ainda há pouco recebemos:

"A sombra da estante" — de Augusto Meyer.

"Garibaldi e a guerra dos Farrapos", de Lindolfo Color.

"Estrada Perdida", romance de Telmo Vergara.

"Profanações" — Editora Condor — Curitiba, de Valfrido Piloto, enviado pelo autor.

"Poemas dos Mares do Sul" e "Roteiro Perdido", enviados pelo autor Dirceu Quintanilha — Editora Pongetti - Rio.

REVISTAS: — Clã, ns. 1 e 2. Ótima revista dos novos do Ceará, dirigida por Fran Martins e Aluizio Medeiros — (Fortaleza).

Joaquim, a vitoriosa revista de Dalton Trevisan, Curitiba, já em seu 18.º número.

Quixote, n.º 2, do Rio Grande do Sul, direção de Sílvio Duncan e Raimundo Faoro, mais uma publicação de novos.

Kriterion, revista da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais, n.º 2.

Atualidades, de Abril e Maio, Florianópolis, direção de J. E. Kuhee.

Alterosa, Junho — Belo Horizonte, direção de Miranda e Castro e Mário Matos.

Revista Branca — Rio de Janeiro, n. 1, direção de Saldanha da Gama.

O Pântano

por José Tito Silva

Na consciência e no corpo, no espírito da carne
Dos homens que vão passando e dos que não de passar,
Expectros adejantes de sombras e mistérios
Cruzarão amotinados as rotas do Destino...

Vampiros dos lodaçais, brancos vampiros,
Duendes indefinidos e mortiços,
E expectros humanos horríveis, feios,
Como fantasmas de nosso ser-imagem-espelho,
Caminharão conosco mostrando o que nós somos...

O espectro do pântano é universal.
A desgraça alheia é a felicidade dos outros,
E a felicidade dos outros a desgraça alheia
Porque os nossos reis serão os bons e os maus...
O espectro do pântano, como a noite que cai
Aos poucos povoando a terra de sombras tenebrosas,
Descendo aos montes, varrendo os campos,
Invadindo as florestas e cidades
Com sua capa negra e aterradora,
O espectro do pântano é como a noite
A noite eterna, porém, que não teve início, que não acaba...

O Pântano é o escuro, miserável antro
Onde afogados os naufragos da vida
Preparam logo o naufrágio dos que nascem
Açambarcando o mundo dos mortais
Com seus tentáculos parasitícos...

Ninguém deseja o pântano
O polvo accidental da humanidade...
O fausto gerador de todas as misérias
O monstro rico forjador de angústias...
Quando os sentidos se aguçam
E a puberdade começa, quando aflora o sexo,
Fôrras ocultas, vivas, misteriosas,
Aproxima-nos dos éteres do Pântano...

Por onde passa o monstro aterrador, facínora,
A terra e as coisas e os seres humanos
Estão marcados, a destruição germina e cresce.
Dansas... e dansas sensuais, contatos...
Sinceridade... e mentiras, farsas sociais...
A Justiça... O direito e as leis... mais além homens que ditam...
A Medicina... a cura e a cirurgia... além, homens que matam...
O Comércio... a troca e necessidades... além, homens que exploram...
Os homens, sempre os homens no mar de angústias mergulhados.
Homens que sofrem, que lutam, que desesperam, que matam,
pacíficos, curam, enlouquecem, choram e cantam...
O Pântano é assim... rodeia o bom, o justo, o real.
É o fantasma do Homem no tempo e no espaço...
Lá anda o monstro accidental da Humanidade
Com suas patas perigosas, prenhes de misérias
A espalhar, sem preferir as classes, o luxo pântano!
E as riquezas estupendas da traição.
A história da humanidade é a fuga do Pântano.
Lutemos como lutaram até hoje os homens
Para se desvencilhar dos seus potentes braços...
Ainda há homens que não caíram e percebem
Que estão a dois passos do Pântano...
Ainda existem esperanças nos corações
Daqueles que afrontam o Pântano sem ser vencidos.
Precisamos lutar... ferrenhamente... com todas as armas,
Porque da luta do Homem, no mundo, contra o Pântano
Ainda não vemos — Vencido Nem Vencedor!...

EDUARDO HORN & CIA.

Têm a máxima satisfação em comunicar aos seus distintos freguêses que reiniciaram vendas da afamada farinha de trigo **TRES COROAS .. produto do Moinho da Luz**

Lembrando também que são os representantes exclusivos para todo o ESTADO do insuperável açúcar **PÉROLA**

EMPRESA DE TRANSPORTES AFFONSO RADUN

Matriz : Joinville — Rua Saguassú, 22 — Fone, 366

Filial : Florianópolis - Rua Con. Mafra, 53 - Fone, 1670

End. teleg. e fonogr. : "ETAR"

Serviço de cargas e encomendas de domicilio a domicilio, entre : Joinville, Itajaí, Tijucas, Florianópolis, Laguna, Tubarão, Braço do Norte, Orléães, Urusanga, Creciuma, Araranguá e todo o interior.

Transportes da Agência Geral de Transportes Joinville
Serviços Rodoviário Sorocabana — Secção de despachos junto a Estrada de Ferro R. V. P. S. C. Joinville.

OS MELHORES UTENSÍLIOS DOMÉSTICOS

SÃO ENCONTRADOS NA

CASA MALTY

Louças — Talheres — Baterias de Cozinha e outros

artigos para uso e adorno do seu lar.

RUA JOÃO PINTO, 8 — FLORIANÓPOLIS

Conserto de rádios e aparelhos elétricos em geral, com absoluta segurança :

A Eletro - Técnica

Enrolamento de motores, dínamos e transformadores.

Instalações de luz e força.

Venda de rádios e acessórios.

Representante exclusivo dos receptores SARATOGA

Rua Trajano, 25 — Fone : 793 — Caixa Postal, 193
Florianópolis

CASA MISCELÂNIA

Louças — Vidros — Bijouterias

Brinquedos — Artigos de Borracha

Grande variedade de artigos para uso doméstico

Distribuidores dos afamados Rádios R. C. A. VICTOR, possuindo em estoque, Válvulas, Discos, Estabilizadores e Agulhas para VITROLA.

Rua Conselheiro Mafra, 9 — Florianópolis

GRÁFICA 43 S. A. INDÚSTRIA E COMÉRCIO

Matriz :

Rua 15 de Novembro, 533 — Caixa postal, 90

Fone 1085 — Blumenau — Santa Catarina

End. telegraf. : "Siewert"

Filial :

Rua João Pinho 9 - A — Caixa postal, 309

Fone 1407 — Florianópolis — Sta. Catarina

End. teleg. : "Siewert"

IMPRESSOS EM TIPOGRAFIA E OFFSET - LIVRARIA
PAPELARIA - ARTIGOS DE ESCRITÓRIO E ESCOLAR

DISTINÇÃO, ELEGÂNCIA ESMÉRO, eis o que oferece a

ALFAIATARIA DIAS

DE

Waldemar M. Dias

Variado sortimento de CASEMIRAS, TROPICAIS, LINHOS, etc.

Rua Conselheiro Mafra
Edifício do Mercado, 8
Florianópolis

LEI 9.670.198 - AM 16